

SENSIBILIDADE COMO FOCO DE PRÁTICAS FORMATIVAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA CIDADE DE PALMAS (TO): POTENCIALIDADE DAS APRENDIZAGENS DE (OUTRAS) REGRAS SOCIAIS E VALORES CULTURAIS

SENSITIVITY AS THE FOCUS OF FORMATIVE PRACTICES OF PHYSICAL EDUCATION IN THE CITY OF PALMAS (TO): POTENTIALITY OF LEARNING (OTHER) SOCIAL RULES AND CULTURAL VALUES

Denise Aquino Alves Martins **1**
Alysson Carlos Ribeiro Gomes **2**
Marilza Aparecida Oliveira Teixeira **3**

Resumo: O trabalho aqui descrito reúne projetos de pesquisa relatados por educadores da Educação Física que atuam na formação de professores nas Licenciaturas do IFTO, Fapal e Claretiano, bem como na rede municipal da cidade de Palmas (TO). A problemática central indaga quais cenários de intervenção social são possíveis na área de cultura corporal de movimento em distintos campos de atuação. As referências estão ancoradas na democratização do acesso às diferentes práticas de movimento corporal, na diversidade étnica e emancipação dos protagonistas da cultura corporal. O primeiro relato trata da experiência vivida na ETI Pe. Josimo Morais Tavares que objetivava conhecer as práticas corporais indígenas locais e mundiais, acompanhando a realização do I Jogos Mundiais Indígenas, ocorrido em Palmas (TO); o segundo projeto acontece no curso de Educação Física da Faculdade de Palmas (FAPAL) intitulado Festival Escolar de Cultura Corporal de Movimento Itinerante e ocorre em escolas da rede pública local; e, por último, o projeto Roda de Conversa entre Professores (as) de Educação Física da cidade de Palmas (TO) e acadêmicos (as) do IFTO. Nesse sentido, os diferentes projetos descritos alargam conceitos estudados em disciplinas curriculares no campo do 'se-movimentar' que envolve sensibilidade, percepção e intuição humana.

Palavras-chave: Formação Docente. Cultura Corporal. Interações Sociais.

Abstract: The work described here gathers research projects reported by Physical Education faculty who work in teacher education at IFTO, Fapal, Claretiano, and the municipal network of Palmas (TO). The central problem considers which scenarios of social intervention are possible in the area of body culture of movement in different fields of action. The references are anchored in the democratization of access to different body movement practices, ethnic diversity, and the emancipation of the protagonists of body culture. The first report deals with the experience lived at ETI Pe. Josimo Morais Tavares, which aimed to know the local and world indigenous body practices, following the I World Indigenous Games, which took place in Palmas (TO); the second project takes place in the Physical Education course of the Palmas College (FAPAL), called Itinerant School Festival of Body Culture of Movement, which takes place in local public schools; and, finally, the project Conversation circle between Physical Education teachers from the city of Palmas (TO) and students from IFTO. In this sense, the different projects described broaden concepts studied in curricular subjects in 'self-movement,' which involves sensitivity, perception, and human intuition.

Keywords: Teacher Training. Body Culture. Social Interactions.

-
- 1** Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora aposentada da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5759715996049165>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1128-446X>. E-mail: deniseaquino@mail.uft.edu.br
 - 2** Mestrando em Educação (UFT). Professor efetivo na rede pública municipal em Palmas (TO), e na Faculdade de Palmas – FAPAL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2983494677310254>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8967-2107>. E-mail: alysson@gmail.com
 - 3** Mestranda em Educação Profissional e Tecnologia pelo Instituto Federal de Educação do Tocantins (IFTO). Professora efetiva na rede pública Municipal e Estadual de Educação (TO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1234654202602078>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9339-4621>. E-mail: marilzavolei@gmail.com

Introdução

As inquietações em forma de texto aqui expostas, retratam pensamentos, ações e diálogos vivenciados ao longo de uma trajetória acadêmica por mais de quinze anos na formação docente no ensino superior com as licenciaturas de Educação Física e Pedagogia no Estado de Tocantins. As questões existentes ao longo deste trabalho foram atravessadas por desejos, sonhos e princípios ético/estéticos de envolvimento político em temas/existência de pouca materialidade produzida ou visualizada no mundo acadêmico: participação discente, democracia e conhecimento de si nas aulas de educação física. Neste texto buscamos descrever práticas que se configuram como ensino, pesquisa e extensão uma vez que atravessam contextos formativos na relação teoria e prática como unitárias, bem como fundamento do trabalho da docência universitária.

Primeira narrativa - Práticas Corporais Indígenas e perspectivas culturais de reflexão do lugar da disciplina Educação Física enquanto área de conhecimento (2015)

O trabalho apresenta a organização da prática pedagógica na Escola de Tempo Integral (ETI) Pe. Josimo Moraes Tavares, em Palmas (TO), primeira escola de tempo integral idealizada e construída para atender as demandas da comunidade. O objetivo foi conhecer as práticas corporais indígenas locais e mundiais, utilizando como referência teórica a aprovação da Lei nº 11.645, que torna obrigatório o estudo da cultura indígena nas escolas de ensino fundamental e médio do nosso país. Tal Lei baseia-se em três princípios: consciência política e a história da diversidade; fortalecimento de identidade e de direitos; e, ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Embora o ato legal garanta estes princípios, eles ainda não estão legitimados no consciente individual e coletivo.

O Projeto Político Pedagógico (PPP, 2011) ressalta a oportunidade de ampliar a permanência do tempo escolar do aluno em um projeto curricular qualitativo que potencialize as diversidades culturais, colocando-os em contato com uma educação diferenciada, capaz de fortalecer os laços de solidariedade e união. Os alunos também foram estimulados a pesquisar e conhecer sobre a cultura indígena, a partir de visualização de fotografias, vídeos e notícias sobre os Jogos dos Povos Indígenas. Aulas tematizadas e objetivos em consonância com as dimensões abrangentes do ensino conduziram ao resultado de valorização, reconhecimento do legado sociocultural vivenciado pela culturalidade e aprendizagem significativa dos alunos.

Bento e Moreira (2012, p. 27) nos provoca a revisar o que ocorre em nossa vida e ao nosso redor quando afirma:

Não é necessário ser filósofo por formação e profissão para assumir a obrigação de indagar; ela impõe-se e é imanente e transversal a todos. A reflexão crítica é um imperativo moral de todo ser humano digno deste nome, que não suspenda o interesse pelo mundo e queira estar a altura das circunstâncias, circundações e exigências da vida.

No ano de 2015 foi realizado no Brasil, na cidade de Palmas (TO), o I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Muitos esforços técnicos e articulações políticas foram envidados para que este evento pudesse se realizar na capital. O empenho de líderes políticos, mesmo em posição divergente, aproximou-se em busca da viabilidade de um projeto de interesse coletivo para Palmas e para o Tocantins. O desenvolvimento deste projeto deveria promover impactos positivos nas dimensões físico-ambiental, sociocultural, psicológica e política-administrativa. A comissão organizadora dos jogos levou em consideração o ambiente natural, semelhante ao habitat dos povos indígenas e teve a responsabilidade, junto com outras instituições governamentais, de organizar a primeira edição dos jogos.

A escola é, e sempre será, um excelente canal para analisar a realidade e valorizar as diferenças, surge a necessidade de trazer para o conhecimento e ambiente escolar. Neste sentido, é ainda mais instigante, o desafio de trabalhar temas que promovam as práticas pedagógicas culturais.

No decorrer dos anos foram realizadas 12 edições dos Jogos dos Povos Indígenas em âmbito nacional, sendo a primeira em 1996. Ao longo das edições, o evento tomou grandes dimensões exigindo novos esforços e o envolvimento de outras instituições. O Tocantins sediou nacionalmente duas edições dos Jogos, sendo a VI edição em Palmas e a XI em Porto Nacional. O Estado possui expressiva população de etnias indígenas e, com base em Machado (2016, p. 9):

O estado do Tocantins possui uma população indígena estimada em 13.800 (SESAI, 2013); divididos, segundo a língua, em oito povos: Akwẽ (Xerente), Timbira (Apinajé, Krahô e Krahô-Kanela), Iny (Karajá, Javaé e Xambioá) e Avá (Canoeiro), com seus territórios demarcados e homologados pelo governo federal. Contudo, mesmo com a presença numerosa de população indígena e de diferentes etnias no estado, são inconteste o descaso, o preconceito, a negação, a invisibilidade e o desconhecimento de suas culturas e histórias.

Nessa perspectiva, iniciamos a organização do trabalho pedagógico pensando as ações em forma de projeto a ser inserido no PPP da escola. Tendo como objetivo geral conhecer culturalmente as práticas corporais indígenas locais e mundiais, contribuindo na formação de alunos críticos, reflexivos, solidários e participativos. E estipulando como objetivos específicos: realizar um trabalho estabelecendo reflexões e ações da prática pedagógica coletiva, visando proporcionar aos alunos momentos de percepção, esclarecimento e aprendizagem sobre os povos indígenas do Tocantins e diversos países; vivenciar e conhecer os elementos culturais envolvendo as práticas corporais indígenas com o intuito de refletir sobre novos valores nas relações sociais que apresentam o universo esportivo indígena, contribuindo assim no processo de formação integral do ser humano.

A partir dos pressupostos teóricos deste PPP, a Educação Física também é desafiada a busca contínua de construção de sua identidade enquanto área de conhecimento. Identidade tal que perpassa um pensamento de racionalidade, onde considera as dimensões culturais, social, política e afetiva que se encontram presente no corpo dos alunos que interagem e movimentam-se como sujeitos sociais e como cidadãos (PPP; 2011). A proposta inicial foi apresentada em uma reunião pedagógica realizada no início do ano com a expectativa de realização de um trabalho interdisciplinar. Inicialmente ficaram definidas que as disciplinas de Português, História, Geografia e Artes estariam aderindo ao projeto. Ao longo do processo houve desistências e a não adesão por parte de alguns professores, permanecendo somente as disciplinas de Educação Física e Artes.

Os jogos aconteceram de 23 de outubro a 1 de novembro de 2015 e reuniram atletas e representantes de povos indígenas de 23 etnias nacionais e povos de 24 países. As disputas foram divididas em Jogos de Integração, esportes tradicionais praticados pela grande maioria dos indígenas brasileiros, e Jogos de Demonstração, que são de características e próprias de uma etnia. Também fez parte da programação o Fórum Social Indígena – Jogos Mundiais dos Povos Indígenas – JMPI, Fórum de Educação, Rodas de Diálogos, Painel Internacional, Oficinas, Workshop, Mostra de Filmes e Palestras.

Devido às diversas tensões entre comitês organizadores, as articulações ficaram a desejar, houve pouca participação dos estudantes a não ser dos estudantes que puderam recepcionar os indígenas que se hospedaram na Escola de Tempo Integral¹. Ainda assim, os indígenas transitaram na

1 As unidades de Ensino de Tempo Integral – ETI em Palmas, começaram a se consolidar a partir de 2003 por meio de uma concepção de programa de governo do Partido dos Trabalhadores, proposta por um grupo denominado de Grupo Tático Eleitoral – GET da Educação constituído por representantes de instituições de ensino superior da capital, sindicato dos trabalhadores em educação e diversos seguimentos representativos da sociedade. Deste amplo debate em um seminário de campanha das eleições para prefeitura de Palmas, constituiu-se um conjunto de proposta para a gestão da educação no município 2005-2008.

cidade em diversos ambientes (shopping, restaurantes, hotéis e pontos turísticos) o que provocou aproximação entre as etnias indígenas e parte da comunidade de Palmas.

No que diz respeito, a seleção dos conteúdos que constituem o currículo da Educação Física, vinculou-se as necessidades e a realidade dos alunos, visto que as indagações sobre os Jogos Mundiais Indígenas os instigam orientando sua prática e análise. Com base em Neira (2014), a democratização das práticas corporais rompe o círculo perverso e hegemônico em defesa de uma educação física culturalmente orientada:

Em um contexto marcado pela diversidade de uma pedagogia que se avenge democrática tem que proporcionar condições para romper com o círculo perverso que, ao impor padrões, exclui os corpos diferentes e, ao tentar alcançar as referências hegemônicas, fracassa em função da diversidade que coabita a sala de aula. Portanto, ganha relevância uma ação educativas que analise as relações de poder que posicionam determinadas práticas corporais como legítimas em detrimento de outras. É o que nos leva a defender uma Educação Física culturalmente orientada, por meio da qual os sujeitos terão oportunidade de analisar, ampliar e conhecer mais profundamente o próprio repertório cultural corporal, como também acessar códigos de comunicação utilizados por diversas culturas, por meio da variedade de práticas corporais existentes (NEIRA, 2014, p. 20).

Nesta perspectiva, a fim de unir a necessidade de legitimar essa demanda em observância à legalidade, ressalta-se a aprovação da Lei nº 11.645, que torna obrigatório o estudo da cultura indígena nas escolas de ensino fundamental e médio do nosso país, baseando-se em três princípios: consciência política e a história da diversidade; fortalecimento de identidade e de direitos; ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Embora o ato legal garanta estes princípios, eles ainda não estão legitimados no consciente individual e coletivo.

As atividades pedagógicas foram pensadas, organizadas, estruturadas e divididas em dez aulas, ministradas no bimestre que antecedeu o evento. Organizado o repertório de atividades, as aulas foram tematizadas com objetivos específicos, em consonância com as dimensões de ensino conceitual, factual, procedimental e atitudinal. Os procedimentos estratégicos utilizados variaram entre aulas expositivas e dialogadas, registros fotográficos, produção/visualização de vídeos, até a realização de oficinas e vivências corporais em torno da temática, integradas com as turmas de 9º anos.

O método de ensino foi aplicado em aulas divididas em três momentos: no primeiro, os alunos tiveram contato com o tema da aula, sendo sensibilizados com perguntas, estímulos, apresentação de ideias, de conceitos e reflexões sobre a cultura indígena; no segundo, desenvolveram-se práticas de arco e flecha, cabo de força, corrida de tora, além de pintura corporal indígena, quando os alunos foram estimulados em um mini-torneio à execução e organização das vivências; e, no terceiro, a partir dos apontamentos e reflexões mediados pelo diálogo, identificaram-se suas percepções, dificuldades e facilidades.

Assim, desenvolveu-se a reconstrução dos movimentos ou técnicas, individuais ou em grupo, passíveis de aplicação a vivência tematizada. Os alunos também foram estimulados a pesquisar e conhecer sobre a cultura indígena a partir de visualização de fotografias, vídeos e notícias sobre os Jogos dos Povos Indígenas. Fez-se uso de recursos audiovisuais e materiais previamente organizados, como: arcos, flechas, alvos, toras, corda, colchonetes, cones, fotos da experiência vivenciada por alunos que visitaram uma aldeia, tinta guache, máquina fotográfica, filmadora e vídeos.

A avaliação está diretamente ligada aos objetivos iniciais da proposta, cujos critérios a serem estabelecidos irão balizar este processo dentro da perspectiva educacional. Verificou-se o alcance dos objetivos na medida em que os alunos se manifestavam no decorrer das aulas ou ao final delas, seja em relação a uma prática corporal vivenciada ou por meio dos diálogos reflexivos

provocados, que serviram também como ferramentas avaliativas. Identificamos os sinais de apreensão dos saberes por parte dos alunos nas suas manifestações orais e corporais, quando traziam entendimentos diferentes dos que foram apresentados antes da proposta de conhecer e vivenciar as práticas corporais indígenas.

Nas vivências e no mini torneio ficaram evidenciados o trabalho em grupo, o respeito, a organização interna e externa para a realização das tarefas, a (res)significação dos conceitos dos alunos e a identificação de atitudes preconceituosas. O que foi possível por meio das falas durante o processo e nos registros em vídeo, em que os alunos tiveram a oportunidade de realizar uma autoavaliação.

Apresentação e discussão dos resultados

Com finalidade de colher informações para avaliar o projeto, perspectivas e prática pedagógica na busca de promover futuras intervenções referentes às práticas corporais indígenas, os alunos foram convidados a fazer um relato sobre a participação no projeto. A professora reflete sobre a vida “fora da caverna” na sua inquietante e desafiadora jornada formativa diante de experiências somáticas.

Com a palavra, os alunos:

[...] aqui na escola a gente conviveu com os indígenas da Argentina e alguns do Brasil também e se não me engano tinha do Uruguai e do México hospedados aqui também; com a conversa que a gente teve entre eles [...] a gente que estava recebendo eles, mas eles foram bem receptivos com a gente [...] conversando com a gente, tirando fotos com a gente [...] o que a gente tirou pra gente é que eles não são pessoas de outro mundo [...] a gente fica pensando [...] porque que é índio é uma pessoa de outro mundo, eles são humanos como a gente e tem o coração muito bom e até melhor do que [...] como se diz dos homens brancos da cidade (Depoimento da aluna G. C., Setembro, 2015).

Bom, de certa forma, temos também às vezes preconceitos com eles [...] a gente tinha que aprender que essa cultura não surge de agora ou que estes acontecimentos não são de agora [...] os esportes não são de agora eles vem já historicamente [...] a gente tem que aprender a conhecer a nossa história [...] o que formou a gente [...] é isso (Depoimento do aluno J. O., Setembro, 2015).

[...] foi importante porque a gente aprende a trabalhar em grupo, a gente aprende a participar da aula [...] cada minuto cada segundo que passa a gente vai aprendendo e vai ajudando o outro, que nem o cabo de guerra, agente teve que formar dois grupos nas turmas de nonos anos [...] que a gente fez uma competição e foi bem legal porque a gente por mais que seja homem separado das mulheres é um grupo, não deixa de ser um grupo, é uma turma e assim a gente aprende a competir e aprende a ganhar e a perder porque o importante na competição não é você ganhar o perder é importante você estar lá para aprender (M. V. M., Setembro, 2015).

Para complementar o que a M. V. falou:

[...] muitas vezes nesses esportes normais mais pessoas mais

atléticas participam [...] mas neste projeto que foi dado na escola não teve só os esportes [...] mas que não é muito bom nos esportes pode fazer as pinturas corporais que eu mesmo ajudei a pintar e várias outras coisas que não precisa ser atlético forte para fazer (V. C., Setembro, 2015).

A professora e suas elucubrações - a vida segue fora da caverna; feixes de luz

Concordamos com Neira (2006) que contribui na perspectiva de iluminar consciências trazendo o entendimento que:

Neste sentido, avaliação deve ser utilizada como um instrumento para perceber os resultados da atuação docente, podendo contribuir com dados informativos para uma reorganização da prática. 1º) O professor que empreende uma pesquisa sobre um problema prático, mudando sobre essa base algum aspecto de sua prática docente – neste caso, o desenvolvimento da compreensão precede a decisão de mudar as estratégias docentes. 2º) O professor que modifica algum aspecto de sua prática docente como resposta a algum problema prático, depois de comprovar sua eficácia para resolvê-lo. Neste caso, é através da avaliação que a compreensão inicial do professor sobre o problema se transforma. A decisão de modificar sua atuação precede o desenvolvimento da compreensão. Ação inicia a reflexão.

Ao explorarmos os conhecimentos e os preconceitos que os alunos trazem atrelados às minorias sociais e culturais, e ao serem questionados e levados a expor suas ideias, se organizam e se expressam conforme o que absorveram dos veículos de comunicação e do senso comum, permanecendo na superficialidade da compreensão cultural indígena. A partir destas reflexões, e conforme postula Ribeiro (2007), esclarecer e vivenciar as práticas corporais indígenas, de forma a despertar a sensibilidade para uma reflexão ética e moral, afirma o autor:

Possibilitar uma oportunidade de vivência corporal e não de manipulação do corpo, passa a ser um novo desafio proposto a professores que recorrem às práticas corporais como meio de ensino. As propostas devem ampliar o raio de ação do movimento para aquilo que está ao redor do corpo na relação com o outro e com o mundo, ao mesmo tempo em que possibilitam um resgate da sensibilidade e da percepção de si como corporeidade, incitando uma reflexão ética e moral (RIBEIRO, 2007, p. 38).

Ao relacionarmos a teoria com a prática, percebemos êxito em nossas ações pedagógicas desenvolvidas no projeto. Diante dessa experiência, enquanto professora, obtive estímulos para buscar a superação e continuar preenchendo uma lacuna na formação inicial e continuada de professores, promovendo com essa prática pedagógica, reflexões e apontamentos significativos. Foi uma valiosa oportunidade para mostrar à comunidade escolar que no processo de ensino e aprendizagem há e podem-se descobrir diversas maneiras de ensinar que contemplem valores positivos para a consolidação de uma sociedade composta pela diversidade.

Compreendo a escola como o espaço onde se pode promover a participação e o envolvimento da comunidade escolar e local no processo de (res)significação do legado sociocultural em nível

local e regional. Nessa perspectiva, o que se tornou mais instigante nesse trabalho foi vivenciar a cultura dos povos indígenas, que potencializou as aprendizagens de outras regras sociais e valores culturais embutidos nos currículos escolares.

Na nossa percepção, tensões institucionais geradas antes, durante e depois dos JMPI não permitiram uma articulação efetiva para que maior número de alunos pudesse conhecer, participar, vivenciar e disseminar este grande momento que vivemos em Palmas. Assim, o legado cultural que os jogos poderiam deixar ficou comprometido pela ausência de mediadores das tensões, bem como a falta de percepção, indiferença aos detalhes que poderiam ser efetivados por meio de transferência de valores da riqueza cultural dos povos indígenas do Tocantins, Brasil, e do mundo que por aqui estiveram.

Verificou-se o alcance dos objetivos na medida em que os alunos se manifestavam no decorrer das aulas ou ao final delas, seja em relação a uma prática corporal vivenciada ou por meio dos diálogos reflexivos provocados, que serviram também como ferramentas avaliativas. Identificamos os sinais de apreensão dos saberes por parte dos alunos em suas manifestações orais e corporais, quando traziam entendimentos diferentes dos que foram apresentados antes da proposta de conhecer e vivenciar as práticas corporais indígenas.

Segunda narrativa - Festival Escolar de Cultura de Movimento como dispositivo de potencializar o direito de participação dos protagonistas da ação corporal (2015-2019)

O projeto intitulado Festival Escolar de Cultura Corporal de Movimento tem por objetivo central promover ampla problematização entre educação, escola, educação física, formação de professores e ações pedagógicas possíveis e/ou necessárias em ambientes escolares. Acredita-se na necessidade, cada vez maior, de conseguir contribuir com o processo de formação de professores(as) em potencial que possam, além de atuar profissionalmente, conseguir compreender a formação em Educação Física de forma ampla, e assim atuar de maneira relevante na sociedade.

Este projeto articula-se com demais discussões feitas nas aulas do curso de Educação Física (licenciatura), da Faculdade de Palmas (FAPAL), e busca tornar possível a práxis pedagógica, no chão da escola, proporcionando uma atuação planejada por parte dos(as) discentes, buscando criar alternativas às ações de cunho, declarado, competitivo e ou que transitem apenas pelos ideais contidos na perspectiva de meritocracia. Defende-se por festival a ideia de ação e/ou evento que envolva a participação de escolares, independente da temática, porém que não objetive a classificação, do seu público participante, por colocações (primeiro, segundo, terceiro e/ou último lugar). Diferentemente disto, o objetivo é potencializar o direito de participação de todo o público presente, independentemente de seu desenvolvimento e/ou domínio corporal.

O referido projeto acontece a quatro anos, já tendo alcançado mais de oito diferentes turmas do curso de Licenciatura em Educação Física, e mais de oitocentos(as) escolares, de quatro unidades educacionais diferentes, já puderam “se-movimentar” dentro das temáticas ofertadas até então. No entanto, não se busca esgotar ou, mesmo que utopicamente, tornar possíveis quaisquer conclusões cabais sobre os temas acima citados. Diante do exposto, acredita-se que a formação de professores precisa inserir os(as) acadêmicos(as) em discussões pertinentes as reais necessidades sociais, pois a escola é parte da sociedade.

Para Fernandes (apud COELHO, 2012) a educação é mais antiga que a escola, ou seja, a educação é a origem e o princípio da escola, e não vice-versa. A educação é uma atividade exclusiva do homem e ocorre entre os seres humanos, com dupla e simultânea finalidade: ao mesmo tempo em que insere os novos humanos na sociedade existente, constrói-os em sua subjetividade (ALMEIDA ; PIMENTA, 2014). Ainda Fernandes (apud COELHO, 2012) cita que as primeiras escolas foram comunidades de vida, que se reuniam para cultivar o cuidado pela necessidade do desnecessário, o cuidado pela liberdade criativa, com o passar dos tempos a escola foi sucumbindo aos mais diversos interesses.

A escola, como instituição social, cumpre uma função que lhe é específica: a de assegurar a formação educativa escolar para todas as crianças, jovens e adultos do país (ALMEIDA ; PIMENTA,

2014). Ainda, Almeida e Pimenta (2014) argumentam que as políticas neoliberais colocadas em prática nos últimos vinte anos acabaram por impor às escolas um controle excessivo, situação que tem dificultado sua organização a partir de projetos políticos-pedagógicos próprios e emanados de suas comunidades.

Todas as ações possíveis de serem descritas por este projeto foram articuladas com as diversas discussões, que são possíveis por meio da relação existente entre acadêmicos(as) e Instituição de Ensino Superior (IES) – FAPAL –, no curso de Educação Física (licenciatura). Destaca-se que o quantitativo de unidades educacionais das redes públicas de ensino (municipal e estadual), bem como das instituições ensino privadas em Palmas (TO), compreendem mais de cem escolas. Almeida e Pimenta (2014) discorrem sobre a importância de se aproximar do complexo universo escolar, tais autores citam que é necessário haver nos cursos de formação de professores(as) o que as autoras chamam de ‘questão-problema’. Esta é fundamental para orientação dos(as) licenciandos(as) quando chegam à escola enquanto “professores(as)”, sendo que tal situação pode fazer emergir, por parte dos(as) acadêmicos(as), olhares que não lhes eram familiares nem lhes despertavam interesses quando lá estavam na condição de estudantes.

De acordo com Kunz (2006), nas sociedades atuais, com a modernização tecnológica e com a indústria cultural, os homens passam a ser, pelas suas possibilidades e sua própria existência, alienados. Entende-se que é fator primordial, para além de manter estreita a relação entre a graduação em licenciatura e futuro campo de atuação, problematizar/questionar/estudar/discutir o que existe, enquanto ações pedagógicas nos âmbitos escolares, bem como o que é possível – necessário – ser desenvolvido, principalmente para buscar romper com os paradigmas que “inocentemente” fazem com que os conteúdos referentes à Educação Física sejam apenas de cunho performático, gerando com isto, a seleção e a conseqüente separação entre bons e ruins (habilidades).

Nesse sentido, por meio dos estudos provenientes da graduação (aulas, grupos de estudos, trabalhos, estágios, Atividades Práticas Supervisionadas) são elaboradas ações que objetivam proporcionar, em forma de festival, tanto para a comunidade acadêmica da FAPAL como para a comunidade escolar de Palmas (TO), vivências direcionadas às práticas corporais sem exacerbação da competição. Pois não se pode acreditar em uma sociedade que não compita, porém não se quer corroborar com os interesses muitas vezes provenientes da indústria cultural, os quais suprimem reais objetivos das práticas corporais.

Enquanto ações pedagógicas, o “Festival Escolar de Cultura Corporal de Movimento” busca transitar nos mais diferentes temas da cultura corporal, a exemplo: ginástica geral, ginástica artística, ginástica rítmica, esportes coletivos e individuais e atividades circenses. Ainda sobre o formato, o “Festival Escolar de Cultura Corporal de Movimento” ocorre de forma itinerante (a depender do interesse da comunidade escolar) como ocorrer nas dependências da própria FAPAL, tendo como possíveis participantes as inúmeras escolas existentes em Palmas, inclusive mais de uma escola em cada festival.

Por se tratar de uma ação que, por meio da intencionalidade pedagógica, busca articular as ações provenientes das discussões da/na IES, não se tem por “finalidade” revelar/classificar, o público participante como ganhador e ou perdedor. Porém semear a ideia de que os participantes serão/são os construtores das ações possíveis nos festivais, tendo com isto como única finalidade, a possibilidade de expor-se “livremente” sem o receio de não poder errar (comum aos ambientes de cunho competitivo).

A partir da concepção do referido projeto, ao menos uma vez a cada semestre, todo o corpo discente, do curso de Educação Física (licenciatura) da Faculdade de Palmas – FAPAL precisa, dentro de uma temática previamente apresentada, elaborar, organizar e executar, em uma escola de Palmas (TO), uma edição do Festival Escolar de Cultura Corporal de Movimento. Tais temas surgem das percepções daqueles(as) diferentes sujeitos que fazem parte do processo: professores(as) e acadêmicos(as) que transitam pelos ambientes escolares, em Palmas/TO, muitas das vezes envolvidos no/com o Estágio Curricular Obrigatório.

Tais percepções buscam ser articuladas aos temas estudados nas aulas de Educação Física da Unidade Escolar, onde o festival ocorrer, para que então haja a definição do tema, bem como, conseqüentemente, o planejamento do que se pretende fazer. Nos quatro anos de existência do

Festival Escolar de Cultura Corporal de Movimento, já foi possível transitar pelos seguintes temas: atividades circenses, Ginástica Geral, Ginástica Artística, jogo, brincadeiras populares regionais, indígenas e afrodescendentes.

Conclusões

Tendo como ponto de partida, por meio da intencionalidade pedagógica, ações reflexivas e adversas à indústria cultural e buscando a valorização da cultura corporal de movimento, no decorrer das ações, possíveis por meio do “Festival Escolar de Cultura Corporal de Movimento” busca-se que os(as) licenciandos(as) consigam melhor compreender as inúmeras questões que envolvem a educação, a escola, a Educação Física, e as ações pedagógicas existentes e/ou possíveis nos ambientes escolares, bem como que a comunidade escolar tenha a sua disposição oportunidades de se manifestarem de forma livre, em contraposição aos já existentes eventos competitivos.

Assim sendo, objetiva-se que, ao “final”:

[...] conseguimos ensinar um esporte às nossas crianças de tal forma que as mesmas possam crescer, se desenvolver e se tornar adultas através dele, e quando isto acontecer, quando se tornarem adultas, possam praticar esportes, movimentos e jogos como crianças (KUNZ, 2006, p. 56).

Terceira narrativa - Interloquções com as redes que conectam a vida da escola (2019)

O trabalho aqui reunido é um conjunto de ações planejadas com a intenção de organizar dois projetos com os acadêmicos do Curso de Educação Física do IFTO: roda de conversa e Prática como Componente Curricular (PCC/Licenciatura em Educação Física). A partir de etapas diferentes de estudos e reflexões desenvolvidas nas disciplinas de Aprendizagem Motora, Escolar II e Estágios Curriculares, foram possíveis os desdobramentos de pesquisa-ação em uma das escolas apresentadas na roda de conversa. Como elemento primordial do processo de avaliação de aprendizagens utilizamos os relatórios de atividades como documento de análise das perspectivas dos estudantes sobre o projeto denominado Acriançar, a criança aí: manhã de aventuras na ETI Fidêncio Bogo (Taquaruçu Grande - Palmas).

Primeiras ideias - construtos sobre o mundo acadêmico pessimista/velhos enfrentamentos

As desigualdades no trato com a cultura corporal perpassam os tempos acadêmicos, persistem e assolam as inúmeras escolas deste país, parecendo repetição de uma série infinita e perversa de uma sociedade que se mantém neste cárcere privado, servindo a uns em detrimento de outros, incluindo neste debate gênero, sexo, raça, etnia e performance/vivência motora. Santos (1999) escreveu sobre esta pátria na comemoração dos 500 anos e ali antevê o futuro de uma educação perversa nas escolas em que não formaremos cidadãos, mas “deficientes cívicos”, denunciando as modificações em ampla ascendência a partir da última década do século XX quando afirma:

[...] Hoje, sob o pretexto de que é preciso formar os estudantes para obter um lugar num mercado de trabalho afunilado, o saber prático tende a ocupar todo o espaço da escola, enquanto o saber filosófico é considerado como residual ou mesmo desnecessário, uma prática que, a médio prazo, ameaça a democracia, a República, a cidadania e a individualidade.

Corremos o risco de ver o ensino reduzido a um simples processo de treinamento, a uma instrumentalização das pessoas, a um aprendizado que se exaure precocemente ao sabor das mudanças rápidas e brutais das formas técnicas e organizacionais do trabalho exigidas por uma implacável competitividade. Daí, a difusão acelerada de propostas que levam a uma profissionalização precoce, à fragmentação da formação e à educação oferecida segundo diferentes níveis de qualidade, situação em que a privatização do processo educativo pode constituir um modelo ideal para assegurar a anulação das conquistas sociais dos últimos séculos. A escola deixará de ser o lugar de formação de verdadeiros cidadãos e tornar-se-á um celeiro de deficientes cívicos (SANTOS, 1999).

Poderíamos afirmar que, juntamente com o saber filosófico, a educação física é considerada “como residual” ou mesmo desnecessária, no sentido de pensar sobre o corpo, suas necessidades, para além do capital. Neste lugar de pertença, não cabe no currículo pensar qualidade de vida plena e cuidados com a reflexão de um mundo em frangalhos quando se trata de humanidades.

A educação física escolar neste palco, desde sua história, vem se constituindo como um saber-fazer instrumental, ora pela ginástica, ora pelo esporte, ora pela prevalência de suas práticas calcadas no mundo midiático. Neste caminho sinuoso existem resistências e contestações provocadas por diversos grupos de pesquisadores que, ao longo dos últimos 20 anos, têm percorrido lutas pela mudança deste contexto.

Ao tratar de “práticas corporais para um conhecimento de si”, Kunz (2005) avança na sistematização de uma educação física emancipatória, no sentido de ampliação de acesso, democracia de práticas e saber questionar. Em outras palavras, que se efetivem suas competências social, linguística e criativa. Nas palavras do próprio autor referido, o que está em jogo é uma defesa de uma “melhor formação escolar de crianças e jovens, ou seja, formação para o desenvolvimento do Ser Humano nas suas potencialidades e possibilidades para a solidariedade, a sociabilidade, a vida e o amor e não apenas para o êxito no mundo do trabalho” (KUNZ, 2005, p. 16). Sobre a perspectiva e influência deste autor passo a trocar ideias sobre possibilidades de ações no campo escolar, pensando em articulações e diálogos presentes na formação docente/discente que agregam valores para além do mundo dos negócios. Interessam ao mundo dos humanos.

Recentemente, em palestra no IFTO promovida pelo CBCE regional de Palmas (TO), Kunz diz que ao especializar precocemente crianças, que não mais brincam, estamos as enquadrando em esquemas pré-determinados de adultos, que vivem constantemente sob pressão, desta forma às entregando um “mundo de segunda mão” (KUNZ, 2019).

Este aceno perverso sobre o destino de uma geração de infâncias é como um “assalto” devidamente planejado e executado a tempo de vermos futuros problemas instalados no mundo adulto: depressão, ansiedade, frustração, consumo, violência, alienação, solidão, injustiças, desigualdades, por aí a fora. Na complexidade das palavras que confundem bem estar com compra de tempo livre, o consumo de bens retrata a solidão dos tempos contemporâneos. Uma solidão coletiva, como adverte Boaventura de Sousa Santos (2019).

No paradoxo ou contramão desta vertente histórica, a cultura corporal de movimento nunca foi tão desejada pela população como no mundo atual. Seja pela possibilidade de novos corpos, pela saúde ou pelos apelos dos campos midiáticos, como as redes sociais.

A metodologia adotada nesse trabalho pautou-se no acervo de registro documental dos relatórios acadêmicos das disciplinas de Escolar II, Estágio Supervisionado II e Aprendizagem Motora do curso de Licenciatura em Educação Física do IFTO. Pensando em estabelecer diálogos com professores da rede municipal de Palmas e os estudantes de Licenciatura em Educação Física do IFTO (Campus de Palmas) sobre a formação profissional com turmas de Estágio e Escolar II da primeira fase do ensino fundamental, planejamos um projeto pedagógico relacionando ensino, pesquisa e extensão para atender as inúmeras inquietações sobre possibilidades de atuação no campo escolar.

Os aspectos pedagógicos dos diferentes saberes/fazeres da educação física foram discutidos

em sala de aula, bem como a elaboração de questões norteadoras para debater com os professores já atuantes na cidade. Entre as questões, destaca-se: Como trabalhar com as crianças em diferentes etapas de desenvolvimento físico e motor? Como dar oportunidade para estudantes com um pensamento (anti) competição? Projeto ou plano de aula? Qual a primeira coisa que se deve ter em mente na montagem do plano de aula ou projeto? Em locais onde as expressões da questão social (fome, baixa renda, violência, etc.) afetam o desenvolvimento das crianças na escola, como realizar um trabalho de qualidade? Em qual ambiente da escola ocorrerá a melhor evolução motora da criança portadora de deficiência? (GRUPO DE TRABALHO DE SALA DE AULA, outubro/2019).

Esses momentos de discussões teórica, em sala de aula, são fundamentais para amadurecer a própria concepção de atuação docente, ou seja, na medida em que me preparo para um debate, preciso também ter a curiosidade epistemológica de procurar respostas, como nos alertou Freire (2006). O confronto de ideias e perspectivas teóricas também ajuda a consolidar uma visão político-pedagógica das práticas escolares e, portanto, pensar em práticas como intencionalidades repletas de sentidos ideológicos e de disputa de poder.

Este relato se apresenta aqui em três etapas distintas:

1. Aspectos relacionados a roda de conversa com professores da rede municipal de ensino de Palmas;
2. Desdobramentos a partir da primeira etapa em que foram planejadas atividades de intercâmbio entre as duas escolas parceiras com turmas do 4º e 5º anos da primeira etapa ensino fundamentais;
3. Relatos dos estudantes sobre a participação e suas atividades planejadas.
4. De cada uma das etapas reunimos material de análise, organizando as narrativas dos diferentes sujeitos para etapa posterior de análise dos dados. Sendo tais materiais: relatórios de grupos de trabalho, de atividades e perspectivas encontradas após a realização do intercâmbio entre as escolas.

Primeira etapa. Roda de conversa - Práticas docentes em Educação Física: quais cenários?

Dos quatro sujeitos convidados para este debate no espaço do IFTO, três pertencem a rede municipal de ensino de Palmas (TO) e um a rede particular de ensino. Os professores da rede municipal com mais de 10 anos de carreira, traçaram um panorama histórico de suas principais memórias de trabalho docente, desde a efetivação dos concursos até as perdas gradativas de políticas públicas relacionadas à educação física infantil. A formação tecnicista foi destacada por duas professoras como sendo norteadora de suas vidas desde a formação inicial, como também entraram na educação física via esportes. Marilza foi atleta desde os 10 anos de idade no voleibol no Paraná e Joice começou com atletismo, voleibol e balé, sendo parte de uma família de esportistas.

Allyson destaca de sua formação inicial a realização de TCC como ponto forte do curso, trazendo a questão da pesquisa para prática docente. Do mesmo modo Gabriel destaca de sua formação a participação em eventos e programas como PIBID, iniciação científica e estágios. Ao contrário dos demais, Gabriel entrou na educação física por achar que “era o mais fácil”, mas reconhece que o curso de licenciatura transformou sua vida, principalmente na relação de trocas entre professor e alunos, onde percebeu a abertura para “espaços de formação”.

Gabriel está formado há apenas dois anos e participou de um processo seletivo para atuar no Centro de Educação Infantil do Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins. Concorrendo com 25 mulheres, enfrentou discriminação e narrativas de que “homens não sabem trabalhar com crianças pequenas”. Apesar deste inquietante desafio conseguiu demonstrar sua capacidade através da justificativa da importância da educação física como fator de desenvolvimento humano e conseguiu a vaga. No seu discurso aos demais acadêmicos demonstrou orgulho de seu fazer, mostrando que é possível um trabalho sério, rigoroso com as questões da primeira infância, sendo reconhecido hoje no seu ambiente de trabalho.

Joice enfrentou desafios pessoais até formar-se na educação física no início dos anos 2000,

depois de 8 anos cursando, trabalhando e cuidando de dois filhos. Veio para Palmas (TO) prestar concurso público e agora atua na escola de tempo integral Fidêncio Bogo, uma escola com uma concepção agroecológica.

O debate realizado com acadêmicos de educação física e professores da rede pública de Palmas (TO) no presente semestre letivo (2019/2) foi pensado em cenários possíveis de trabalho docente. As questões destacadas pelos presentes se avolumam quanto a necessidade de superação de práticas vigentes, especificando: carga horária insuficiente, gênero e justificativa da permanência das aulas em função do mundo do trabalho - mesmo que este esteja em extinção. Paralelo a tais questões não menos importantes, evidencia-se nas falas dos professores uma nítida sensação de retrocesso em relação à legalização das práticas de atividades físicas na educação básica, em função de políticas públicas municipais que desqualificam os espaços outrora ocupados, em detrimento, por exemplo, da educação física na primeira infância. Esta perda de espaços tanto físicos, como materiais, promove o esvaziamento de sentidos de práticas corporais como garantias da democracia, já conquistada na década passada. Além disso, as constantes mudanças de gestão pedagógica geram insegurança quanto ao fator de constância de um processo de formação.

Alguns elementos foram destaque no debate:

1. A Escola do Campo - também citada no debate, que segundo a professora Joice é “a única vida social” de muitas crianças que frequentam as salas de aulas, distante dos aglomerados urbanos;
2. Escolas de tempo integral - suas contradições de práticas;
3. Aprendizagens com as crianças - flexibilidade das práticas;
4. Gratificações com o trabalho - legado para vida.

Deste encontro no IFTO surgiram outras demandas dos estudantes, o que deu início à segunda etapa de nosso projeto. Estas demandas derivaram, a princípio, da vontade de identificar os sentidos da prática da educação física para as crianças das escolas, principalmente a partir do conhecimento da proposta da professora Joice, uma de nossas interlocutoras. Joice trabalhava durante essa pesquisa na ETI Fidêncio Bogo (Taquaruçu Grande), uma escola construída na proposta de ser uma escola agroecológica. O que levou a segunda parte da proposta de conhecer seus fundamentos e as crianças que fazem parte de sua história. Trata-se de verificar in locus, uma escola miragem, uma escola perto do fluxo d'água, nos córregos que abastecem a cidade de água, bem como abastecem a vida de esperanças. Começa o projeto Acriançar, a criança aí em Taquaruçu Grande na cidade de Palmas (TO): a história da escola beira rio, duas faces do paradoxo do sistema.

Segunda etapa - projeto Acriançar, a criança aí: manhã de aventuras na escola ETI Fidêncio Bogo (Taquaruçu Grande).

O presente projeto começou a ser desenvolvido a partir da discussão realizada pela turma de Escolar II na roda de conversa do dia 03/10/2019, que teve como temática ‘Práticas docentes em Educação Física: quais cenários?’, em que a professora convidada, Joice Carvalho de Paula, destacou sua prática docente na Escola Municipal ETI Professor Fidêncio Bogo em Taquaruçu Grande (TO), região do Córrego que abastece a cidade de Palmas. Neste momento conhecemos sua prática, a ideia de sustentabilidade da escola construída em princípios ecológicos.

A relevância deste projeto consiste em práticas contextualizadas e vivenciadas para formação de futuros professores, possibilitando-os a construção e a ampliação de conhecimentos e experiências que vão além dos saberes acadêmicos. Essas práticas que envolvem os espaços sociais possibilitam a formação profissional mais humana e crítico-reflexiva do futuro professor e colaboram com a qualidade de vida das pessoas que poderão conhecer o ambiente construído, trilhas, projetos na escola do Campo, bem como, fortalecer as relações interpessoais de todos os envolvidos.

O objetivo da vivência foi proporcionar intercâmbio de escolares da turma do 5º ano da Escola ETI Daniel Batista, junto com os acadêmicos de Educação Física do 6º período, com estudantes do

ETI Professor Fidêncio Bogo em Taquaruçu Grande (TO). Tendo como intuito desenvolver atitudes e habilidades para um melhor desempenho pessoal e profissional, assim como contribuir com o espaço em que a prática será desenvolvida, enriquecendo a aprendizagem de todas as pessoas envolvidas. Este desdobramento, a partir da realização da roda de conversa, aconteceu com acadêmicos de duas turmas, além dos estagiários de Estágio II, bem como a oportunidade de organizar uma Prática como Componente Curricular (PCC). Esta atividade campo foi realizada por 28 estudantes do curso de educação física e 85 crianças das escolas parceiras (ETI Daniel Batista e ETI Fidêncio Bogo).

Para o planejamento do projeto descrito acima, criado em sala de aula, tivemos as seguintes etapas:

1. Entrar em contato com as escolas e solicitar a permissão para desenvolver o projeto;
2. Analisar as aulas de Educação Física desenvolvidas em ambas as escolas, buscando verificar suas proximidades e diferenciações;
3. Pesquisar sobre habilidades motoras básicas e cultura corporal para o ensino fundamental - primeira fase;
4. Selecionar atividades de acordo com critérios da BNCC e referencial teórico discutido nas disciplinas de Aprendizagem Motora e Escolar II;
5. Escolher os livros, artigos e as atividades que fariam parte do repertório para a culminância do projeto;
6. Fazer reuniões com os acadêmicos para orientação das atividades;
7. Planejar as atividades que seriam realizadas; e,
8. Proceder com a culminância do projeto.

Terceira etapa - Relatos dos estudantes: registros realizados e avaliações das atividades

O professor de Educação Física tem um repertório de atividades para serem trabalhadas dentro e fora da sala de aula, por isso é importante que se tenha capacidade crítica e colabore para o resgate e manutenção de tais práticas. Assim, no planejamento das atividades optamos pela simplicidade, isto é, mostrar uma lógica em que se faz muito com pouco. Sendo assim, “[...] essas práticas, realizadas de forma simples, podem ter uma importância maior do que a oferta de um grande número de atividades que envolvem esportes e jogos que as crianças obviamente gostam de realizar” (KUNZ, 2005, p. 34).

Após chegarmos na instituição, fomos recepcionados pela professora de Educação Física, nos levando até o interior da escola para já começarmos a realização das atividades propostas daquela manhã, buscando aproveitar o máximo do tempo naquela localidade. Passamos por vários projetos: Criatórios de peixe, criatório de abelhas, aves, hortaliças e entre outros tipos de espécie de criação rural, chegando até o píer à beira do Ribeirão Taquaruçu Grande, e logo de cara já podemos perceber a alegria dos alunos da ETI - Daniel Batista, pois estavam em um ambiente totalmente diferente de suas rotinas, em um ambiente rural (Relatório do grupo 1, novembro, 2019).

Ao chegarmos na quadra [da escola campo], local de execução das atividades, os acadêmicos foram divididos em grupos, sendo eles: Respirar e descontrair - esta prática é de suma importância para o autocontrole e desenvolvimento durante a infância; Linguagem e movimentos - as vivências e experiências desenvolvidas exigem as expressões

comunicativas de movimentos; Movimento e acrobacias – além de ser atividades atrativas, ela proporciona ao aluno uma aprendizagem motora mais desenvolvida, como o equilíbrio, flexibilidade e coordenação motora; Movimentos e Natureza – além de despertar uma consciência de conservação da saúde e de respeito para com a natureza, ajuda na sua preservação; Música, ritmo e movimento – para Kunz (2012) estimular movimentos, traz modificações na pressão sanguínea, estimula os batimentos cardíacos, o suor, a respiração, etc. A Música evoca diferentes sentimentos nas pessoas. As atividades foram programadas em forma de circuito, onde os grupos ficaram espalhados pela quadra, com aproximadamente 10 a 15 alunos para cada grupo e cada grupo tinha 15 minutos para executar as atividades, ao final do tempo era feito o rodízio das crianças (Relatório de grupo 2, novembro, 2019).

Segundo Kunz (2012), é possível trabalhar a sensibilidade sonora, a expressão corporal, o melhoramento da capacidade de auto expressão e o conhecimento de si. Envolvendo música e movimento pode-se criar ou reproduzir diversas atividades ritmadas, entre elas, a dança. Pensando nisso, foram escolhidas algumas músicas para dançar com as crianças. A atividade foi iniciada com um aquecimento utilizando a música, em seguida foram feitas algumas coreografias e, para finalizar, à volta a calma com outra música. A experiência proporcionou uma vivência rítmica para os alunos, na qual foi possível observar a presença de estudantes mais inibidos, que não participaram com tanto entusiasmo, e aqueles que interagiram com a dança, mostrando satisfação em estar ali participando. Passaram por ali cinco grupos de alunos, cada um com a sua forma diferente de participar.

O interessante desse projeto foi poder proporcionar às crianças um momento de ludicidade, onde elas estavam aperfeiçoando sua aprendizagem motora, movimentando-se e tendo o contato com a natureza, de forma que seu conhecimento estava sendo gerado não obrigatoriamente dentro da sala de aula. A Experiência trouxe-nos um momento ímpar, em podermos ver essas crianças interagindo com a natureza e tendo uma vivência, nem que seja pequena, com variados tipos de movimento, que vai desde a descontração, passando pelas acrobacias e artes e finalizando com seu alto-conhecimento e o movimentar-se. [...] E é neste sentido que a Educação física, é de suma importância, pois são nessas aulas que serão trabalhadas atividades lúdicas que farão com que o aluno expresse sentimentos, emoções e até mesmo os pensamentos através dos movimentos ou o contato com a natureza. Logo, foi muito gratificante organizar e poder participar deste momento, pois acredito que ficará guardado em nossas memórias, tanto na das crianças, quanto aos acadêmicos e aos professores que participaram do momento. Servindo também de experiência para a vida acadêmica, pois houve a aproximação entre os saberes teóricos e as práticas envolvendo o Movimento Humano. (Relatório de PCC acadêmica Sara Raíssa dos Santos Gonçalves, novembro, 2019).

Chegamos à conclusão que a manhã de aventuras realizada na ETI - Fidêncio Bogo foi de grande importância aos acadêmicos, pois adquiriram conhecimento e experiência ao trabalharem com vários tipos de alunos. Podemos notar também um

comparativo entre os alunos do Daniel Batista e do Fidêncio Bogo, notamos várias diferenças, mas principalmente em relação ao comportamento, podemos notar que os alunos do Daniel Batista são mais inquietos em comparação aos alunos do Fidêncio Bogo, que já são alunos que conseguimos ganhar a atenção deles mais fácil. Supomos que essa diferença pode ser do fator da região em que vivem, visto que os alunos do Daniel Batista vivem em zona urbana, um ambiente mais estressante, mais corrido. De modo contrário, os alunos do Fidêncio Bogo, moram em uma região rural, onde tudo é mais calmo, tem um grande contato com a natureza, dessa forma convivem em um ambiente mais tranquilo, bem longe da agitação. (Relatório do grupo 3, novembro, 2019).

A vivência trouxe para as crianças um intercâmbio de ambiente muito enriquecedor. A zona rural e a zona urbana relacionadas com algum viés: Não só de proporcionar aos pequenos um conhecimento de si mesmo a partir dos movimentos produzidos por eles nas atividades do projeto, aprimorando sua capacidade motora, rítmica, sistêmica, espontânea, social e lúdica, como também, uma visão mais profunda da importância do cuidado com a natureza, sendo ela uma finita produtora de vida não só para nós como para ela mesma (Relatório do grupo 4, novembro, 2019).

Dessa forma, concluímos, assim como Kunz (2005), que o exercício de refletir sobre o contexto em que ocorre uma intervenção, como atitude para a compreensão do discurso assumido e pelo que realmente acontece nas aulas de Educação Física escolar, torna possível aos acadêmicos a elaboração de um planejamento em que estejam projetados os princípios e as atitudes metodológicas escolhidas. Alguns fragmentos dos relatórios evidenciam perspectivas dos estudantes, não no imediatismo pragmático das propostas governamentais do Future-se (PORTAL MEC, 2019), mas no investimento no capital humano para as futuras gerações se conectarem com o ambiente natural, consigo mesmos e com a solidariedade como contraponto de lógicas perversas em marcha, como denunciado por Santos (1999).

Os estudantes dizem:

Com isso, concluímos que os resultados não serão analisados de imediato. No entanto, em longo prazo as crianças irão desenvolver os aprendizados novos em seus ambientes, seja fora ou dentro da escola. Sendo assim, a criança a partir de uma dimensionadora de conhecimento informal, pode alcançar outras possibilidades de si mesma, atingindo não só a comunidade escolar, como também a familiar. Desta forma, a criança conhece a si mesmo (Relatório do grupo 4, novembro, 2019).

Concluímos que essa proposta foi muito relevante a nosso processo de formação acadêmica, conseguimos impactar os alunos de ambas as instituições de ensino, ambas as turmas de alunos tiveram a oportunidade de participar de vivências diversificadas, isso mostra que a intencionalidade do projeto foi assertiva e impactou de forma positiva os alunos da ETI Daniel Batista e os alunos da ETI Fidêncio Bogo (Relatório do grupo 5, novembro, 2019).

Considerações Finais

Deste lugar, de sala de aula universitária para o campo da escola pública básica, muitos intercâmbios produzidos revelam territórios ainda ausentes no debate da área da cultura corporal de movimento no currículo. A exemplo a dança, as lutas, a ginástica e, poderíamos até mencionar, os esportes de forma mais ampla, uma vez que a sua prática ainda é restrita aos jogos com bola, que mesmo assim são praticados apenas por alguns. Acima de tudo revelam as possibilidades de boas práticas existentes nos subterrâneos do cotidiano que insiste em deteriorar o papel do professor na vida dos estudantes: para todos estes de plantão nas esplanadas dos governos, resistiremos!

Lembrando que a base da Educação Física escolar visa que os alunos possam vivenciar o maior número possível de movimentos corporais, havendo uma base de como executá-los e principalmente saber a importância dos movimentos para o seu corpo e mente no decorrer de sua vida. Estes fundamentos são primordiais não apenas no exercício da profissão, mas na formação acadêmica. Temos uma realidade singular no Instituto Federal, campus Palmas, pois não há tantas instituições que fomentam o contato com o aluno e a percepção dos fundamentos necessários para a formação profissional. Deveras que havendo realizações de projetos deste porte em maioria das instituições, a Educação Física não seria considerada uma “aula livre”, mas uma aula que fomente cidadãos emancipados. (Relatório do grupo 5, novembro, 2019).

Referências:

- ALMEIDA, M. I.; PIMENTA, S.G.: **Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens adultos**. – São Paulo: Cortez, 2014.
- ASSIS de OLIVEIRA, SÁVIO.: **Reinventado o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. 3. Ed. 1. Reimpr. – Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2010.
- ARROYO, Miguel. O humano é viável? É educável? **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 17, n. 35, p. 21-40, maio/ago. 2015.
- BARBOSA, Claudio L. de Alvarenga. **Educação Física e Filosofia: a relação necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 21 mar. 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. 3.ed., Brasília: 2001. p. 28-29.
- COÊLHO, I.M.: **Escritos sobre o sentido da escola**. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRAL PE. JOSIMO TAVARES. Projeto Político Pedagógico – **PPP**. Palmas, 2011. p. 5.
- FERREIRA, M. B R; VINHA, M.(org). **Celebrando os Jogos, a Memória e a Identidade: XI Jogos dos Povos Indígenas**, Porto Nacional – Tocantins, 2011. Dourados: UFGDR, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

- KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da Educação Física** 2. 3 ed. Ijuí: Ed.Unijuí, 2005.
- KUNZ, E.: **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. Ed. – Ijuí, 2006.
- Kunz, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte/ Elenor Kunz**. 8.ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. 152p. – (Coleção educação física).
- MACHADO, M.(org) **Cultura e História dos Povos Indígenas: formação e direitos e conhecimento antropológico**. Fortaleza: Expressão, 2016.
- MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Indagações sobre o Currículo; In: *Currículo, Conhecimento e Cultura*. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.
- NEIRA, Marcos Garcia. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. São Paulo: Editora Melhoramento, 2014.
- NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física: desenvolvendo competências**. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2006.
- NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012.
- RIBEIRO, Jean. Paidéia: a iniciação esportiva a partir da corporeidade. Ano. 146f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física: Faculdade de Ciências da Saúde). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2007.
- SANTOS, Milton. **Os deficientes cívicos**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fo/brasil500/dc_3_9.htm. Acesso em: 13 dez. 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A Era dos Coletivos de Solidão. **Portal Vermelho**, 27/10/2019.

Recebido em 31 de janeiro de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2022.